

Tobias Meyer, o maior leiloeiro da atualidade

Na Sotheby's há 15 anos, alemão que negociou três das cinco obras mais caras do planeta movimentou US\$ 600 milhões em maio

Cristina Tardáguila

cris.tardaguila@oglobo.com.br

Quando se pergunta ao alemão Tobias Meyer o que significa ser o maior leiloeiro da atualidade, ouve-se, do outro lado da linha, um risinho de desconcerto. Meyer reconhece que está “numa boa fase”, mas prefere não se envaiecer do aposto que a imprensa britânica vem publicando ao lado de seu nome.

Há exatos 15 anos, ele bate ponto na Sotheby's de Nova York. É o chefe do departamento de arte contemporânea e o principal leiloeiro da casa. Em maio, conseguiu dois feitos: foi o leiloeiro que mais dinheiro movimentou — US\$ 600 milhões em quatro dias — e o que negociou a obra de arte mais cara já arrematada num leilão — “O grito”, de Edvard Munch.

Até o último dia 2, quando usou todas as suas ferramentas para convencer um colecionador ainda anônimo a desembolsar US\$ 119,9 milhões pelo quadro que retrata o sofrimento humano, Meyer respondia por duas das cinco maiores negociações já feitas em leilões no planeta. Agora, responde por três.

— É inexplicável minha atuação naquela noite (*de “O grito”*). Sabia que o lance viria. Acho até que senti o cheiro dele — lembra Meyer em entrevista por telefone ao GLOBO, de Nova York.

Meyer se anima, com sua voz de barítono, diante da pergunta sobre as emoções que rondam sua profissão.

— Quando estou lá na frente, gosto de ver que, graças ao meu trabalho, as pessoas vão ficando mais confortáveis e abertas para desfrutar a beleza das obras.



TOBIAS MEYER, que vendeu as obras abaixo, “sente o cheiro” dos lances e conduz leilões “como quem surfa”



“O GRITO”, de Munch: US\$ 119,9 milhões



“GARÇON à la pipe”, de Picasso: US\$ 104 milhões

Fotos de divulgação/Sotheby's

Quanto melhor for o meu trabalho, maior será o *frisson* e menos elas pensarão no valor com que estão se comprometendo.

E, quando está em cena, o leiloeiro gesticula em todas as direções, inclina-se sobre a plateia, penteia os cabelos com os dedos e chega a declarar paixão por um ofertante ousado.

— Sou pago para estender ao máximo a exposição de uma obra e fazer com que seu potencial econômico atinja o limite — ele diz. — Mas gosto de dar vida às peças, fazer com que as engajem de verdade.

Divórcio, dívida e morte

Nascido perto de Frankfurt, Meyer foi apresentado à arte ainda pequeno. Sua mãe era uma artista plástica apaixonada pelos trabalhos de Henri Matisse, Pablo Picasso, Twombly e Yves Klein. Mas foi só na adolescência que seu interesse profissional desabrochou. Meyer foi estudar inglês na Inglaterra e se hospedou com a administradora de uma galeria.

Em 1988, ele se formou em História da Arte pela Universidade de Viena, na Áustria, e foi contratado pela Christie's. Por quatro anos, ficou nos porões da empresa — quem diria — catalogando peças de baixo valor.

Em 1992, a então chefe do departamento de arte contemporânea da Sotheby's descobriu Meyer e lhe fez uma proposta. Ele aceitou e, cinco anos mais tarde, assumiu o lugar dela. Desde então, o alemão coordena uma equipe de cerca de 35 pessoas e trabalha em cima dos

“três Ds”: “divorce, debt and death” (divórcio, dívida e morte, em inglês). É prospectando nessa montanha-russa emocional que

descola as grandes peças.

— Conduzir um leilão é como surfar uma onda — compara ele, que, na vida real, esquia, não surfa. — Você fica o tempo todo perguntando quanto tempo vai durar, tentando adivinhar onde vai cair e se esforçando para que dure o máximo possível.

Meyer não filosofa mais. Garante que “não há ciência que dê conta de uma sala de leilão” e que “sente no ar” a hora de bater o martelo. Por dez anos, aliás, usou um de marfim, mas, em 2004, quando ia leiloar “Garçon à la pipe”, de Pablo Picasso (a terceira obra mais cara já vendida em leilão, por US\$ 104 milhões), levou um puxão de orelha.

— Um amigo me disse que o barulho não era retumbante, não preenchia o salão. Saí e comprei um de madeira — diz ele, que não sabe se sente mais prazer em ouvi-lo ressoar ou em gritar “sold!” (vendido, em inglês).

Por determinação da empresa, Meyer não dá nenhuma dica sobre quem adquiriu as peças que leilou neste mês, mas concorda que há uma “bela curva ascendente” no mercado:

— Em meu primeiro leilão aqui, em maio de 1997, negociei 40 peças por US\$ 13 milhões. Só no dia 9 foram US\$ 260 milhões. Se somarmos o que foi vendido no dia 2, são US\$ 600 milhões!

Atualmente Meyer trabalha no catálogo de seu próximo leilão — na Sotheby's de Londres, no dia 26 de junho. Já conseguiu angariar dois Basquiat, um Richter e um Lichtenstein — motivo de comemoração.

— A beleza do meu trabalho está justamente aí: na capacidade de me apaixonar pela próxima obra. Há sempre uma peça linda e valiosa à vista. ■

A alegre sabedoria popular de um clássico do teatro brasileiro

Montagem do ‘Auto da Compadecida’ mostra atualidade do texto

‘Auto da Compadecida’
Teatro Fashion Mall

Barbara Heliodora

segundocadern@oglobo.com.br

TEATRO
CRÍTICA

O “Auto da Compadecida”, de Ariano Suassuna, é um dos dois únicos “clássicos” do teatro brasileiro (o outro é o “Vestido de noiva”, de Nelson Rodrigues), e o que mais montagens tem recebido desde sua memorável estreia, há pouco mais de 50 anos. Sua qualidade dramática e sua extraordinária brasilidade são fontes de permanente tentação para quem faz teatro, e seu diálogo com o público é garantido em todo o território nacional. Suassuna mescla as formas medievais do auto e da moralidade com a riqueza do folclore nordestino, com sua irônica e risonha sabedoria popular, criando um texto que diverte ao mesmo tempo em que chama a atenção para a imoralidade da corrupção.

Exagero na linha circense

Esta aparece tanto nos que têm o gozo de alguma parcela de poder (que pode ser a do pequeno patrão, como o pai-deiro, ou de considerável alcance, como as do padre e do bispo), comparada com o comportamento dos que o desamparo obriga a pequenos golpes a fim de poder sobreviver. João Grilo é parente do bravo soldado Schweik, como de Figaro; e se a Compadecida não consegue mandá-lo para o céu, dá-lhe ao menos uma nova oportunidade.

Há mais de 20 anos mantendo atividades regulares,



GLÁUCIA RODRIGUES e Marco Pigossi: diálogo com o público

com certa especialização em Suassuna, a Cia. Limite 151 está agora na Sala 1 do Teatro Fashion Mall, com uma montagem que busca ser fiel à concepção do autor, que fala da tradição do “drama” no circo. A cenografia de José Dias é simples e eficiente, com cortina, três pequenos segmentos de arquibancada e quatro lindos estandartes que evocam o local da ação, formando uma moldura justa para os coloridos figurinos de Samuel Abrantes. A música de Wagner Campos é discreta, e a luz de Aurelio de Simoni, eficiente como sempre. A direção de Sidney Cruz é razoável, mantendo a linha circense um pouco forte demais em certos momentos

em que, principalmente na segunda metade da peça, é necessário um maior comprometimento com a verdade de cada um.

Um elenco de 12 atores, hoje em dia, é um ato de coragem, e, com melhor ou pior rendimento, o grupo se mantém, de modo geral, ligado à intenção do autor. Gláucia Rodrigues, naturalmente, destaca-se nas espertices de João Grilo, mas além do Chicó de Marco Pigossi, também Edmundo Lippi, Renato Peres, Bruno Gamen, Janaína Prado, Samuel de Assis, Lucci Ferreira, Luiz Machado, Jacqueline Brandão, André Frazzi e Arnaldo Marques procuram servir Suassuna. Com base em um texto excepcional, o espetáculo resulta alegre e agradável. ■

O GLOBO Projetos de Marketing

Fotos de Priscilla Vilarinho

Coluna Curta
São Paulo

São Paulo espera receber mais de 400 mil turistas na edição de 2012 da Parada do Orgulho LGBT

Sem medo de ser feliz

A Parada do Orgulho LGBT de São Paulo 2012 chega à sua 16ª edição na avenida Paulista, dia 10 de junho, às 12h, com o tema “Homofobia tem cura: educação e criminalização!”. Preconceito e exclusão, fora de cogitação!”. É o segundo maior evento de São Paulo, superado apenas pela Fórmula 1, e atraiu, no ano passado, cerca de 400 mil turistas.

A cidade está entre os cinco melhores destinos gay friendly do mundo, segundo pesquisa feita pelo portal GayCities.com, em parceria com a American Airlines, ao lado de Tel Aviv, no topo do ranking, seguida por Nova York, Toronto, além de Madri e Londres, empatadas em quarto lugar. Conta com hotéis, bares, danceterias e extensa programação voltada ao público LGBT.

A Parada de 2011 reuniu 16 trios elétricos e quase 4 milhões de pessoas. Para este ano, estão programados ciclos de debates, feira cultural LGBT, o 12º Prêmio de Cidadania em Respeito à Diversidade e o 12º Gay Day, além da caminhada contra a homofobia.

Vive em São Paulo a maior comunidade LGBT da América Latina: mais de 1,5 milhão de moradores. Este ano, ganhou o primeiro hotel dedicado exclusivamente ao público gay masculino, o Chilli Pepper Single Hotel, no Largo do Arouche, no Centro.

No quesito balada, a lista de opções é infindável. Na região central, restaurantes bastante frequentados são o estiloso Drosophyla, na Consolação, o Exquisito, com cardápio latino (ceviche, saltenha, chili), e o Mestiço. E, na Praça da República, o Café Vermont, com shows de MPB. O Ritz, nos Jardins, existe desde 1981, e é uma referência na história GLS da cidade. Na rua Frei Caneca as opções são os restaurantes Gato Drinks & Arts, para happy hours ou preparação da balada, e o Frey Café e Coisinhas, com espaço para festas e diversos eventos.

Eventos o ano todo

Além de ter a maior Parada LGBT do mundo, São Paulo oferece para os visitantes uma programação extensa. Em agosto acontecerá a Semana da Visibilidade Lésbica; em setembro é a vez do Mister Gay Brasil e do Passeio Ciclístico da Diversidade Sexual. Novembro é o mês do Festival Mix Brasil de Cinema e Vídeo da Diversidade Sexual e do Festival Cultural da Diversidade Sexual. E encerrando a programação de 2012, Corrida Gay de São Silvestre, em dezembro.

Visite www.cidadedesapaulo.com

São Paulo turismo
www.spturis.com

Este conteúdo é de responsabilidade da São Paulo Turismo